



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A MÍDIA NO GOVERNO DILMA ROUSSEFF: DISCURSOS SOBRE CORRUPÇÃO E (DES)GOVERNO

Alessandra Souza Silva
(UESB)

Edvania Gomes da Silva
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa de mestrado intitulado “Dilma Rousseff: governamentalidade e a onda antigoverno”, ainda em fase inicial de desenvolvimento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGLin/UESB. No recorte dos dados feito para esse trabalho, analisamos discursos materializados em textos da mídia escrita acerca do Governo da presidente Dilma Rousseff, entre os meses de janeiro a abril de 2015, nas versões online dos jornais “El País” e “Folha de São Paulo” e das revistas “Veja” e “Carta Capital”. Tal análise teve por objetivo verificar quais os discursos em circulação relacionados, direto ou indiretamente, à capacidade de gestão do Governo Dilma Rousseff, e se esses discursos podem ou não fundamentar “a onda antigoverno” que se propagou em todo o Brasil no período de coleta do *corpus* ora analisado. Para tanto, tomamos por base o referencial teórico-analítico da Análise de Discurso Francesa, além dos postulados de Piovezani Filho, acerca do discurso político, e de Michel Foucault, relativos à noção de governamentalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, governo, mídia.

* Discente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGLin/UESB, nível Mestrado; membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis); e-mail: ale.souza01@hotmail.com.

** Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES/UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES/UESB). Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso e do Grupo Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise (FEsTA). Orientadora do projeto de mestrado que deu origem a este artigo; email: edvania_g@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “Dilma Rousseff: governamentalidade e a onda antigoverno”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGLin/UESB. Tal pesquisa está em fase inicial de desenvolvimento e tem por objetivo analisar os discursos postos em circulação na mídia relacionados, em alguma medida, a uma suposta incapacidade de gestão do Governo Dilma Rousseff, identificando, para tanto: (1) se esses discursos podem ou não ter fundamentado “a onda antigoverno”, a qual aponta o Governo Dilma Rousseff como um mau governo que precisa deixar poder; e (2) qual é a imagem de bom governo que circula na sociedade atual, bem como os diferentes discursos sobre governamentalidade que contribuíram para a formação de tal imagem, a fim de determinar se a cristalização destas imagens pode ou não sustentar as críticas ao referido governo.

Aqui, apresentamos apenas um recorte dos dados iniciais da referida pesquisa, analisando os diferentes discursos acerca do Governo Dilma Rousseff, publicados de janeiro a abril de 2015, nas versões online das revistas “Veja” e “Carta Capital” e dos jornais “Folha de São Paulo” e “El País”, relacionados, em alguma medida, à problemas de governamentalidade. Para tanto, primeiro, optamos por delimitar o que estamos chamando aqui de governo e de governamentalidade, para, em seguida, explicitar qual o referencial teórico que sustenta nossa análise e, por fim, aplica-lo ao *corpus* proposto.

GOVERNO E GOVERNAMENTALIDADE

Para falarmos em governo é necessário, antes de tudo, delimitar a que tipo de governo nos referimos, tendo em vista que são muitas as questões relativas e esse termo em um plano geral. Não será nosso objetivo, no entanto, discutir o percurso histórico dessa noção, mas apenas delimitar o uso que será empreendido no presente trabalho.

Com “base no pensamento de Foucault, “governo” em seu sentido amplo, deve ser entendido tal qual era no século XVI, designando a maneira de dirigir a conduta dos



indivíduos ou dos grupos (governo das crianças, dos doentes, das famílias, das almas, das comunidades etc.) e não se limitando apenas às estruturas políticas e à gestão do Estado. Essa multifuncionalidade da noção de governo justifica também a necessidade de delimitar-se o referido termo.

Neste artigo, trabalhamos apenas com as questões relativas às práticas do governo político, as quais dizem respeito à atuação do Estado, isto é, Governo no sentido da ação política responsável pela gestão do Estado. Dessa forma, o governo político está relacionado às práticas de procedimentos administrativos. A ocorrência desse conceito de Governo, restrito apenas às questões relacionadas ao Estado, segundo Foucault (1995, p. 247), emergiu na modernidade devido ao fato de que “as relações de poder foram progressivamente governamentalizadas, ou seja, elaboradas, racionalizadas e centralizadas na forma ou sob a caução das instituições do Estado”.

A governamentalidade, numa perspectiva moderna, relaciona-se com o exercício de gestão das coisas e das pessoas e seu fim último é a população, a qual o Estado deve gerir. Foucault (2008a, p.108) define a governamentalidade como um dispositivo de poder administrativo “[...] que tem a população como seu alvo, a economia política como seu saber principal e os dispositivos de segurança como seus instrumentos técnicos essenciais”. A ideia de governamentalidade no modelo atual de sociedade, a saber, o modelo neoliberal, caracteriza-se pela busca de proporcionar condições para uma concorrência econômica verdadeira e eficiente, buscando, para tanto, operar uma ordem social equitativa; e o papel do Estado é o de assegurar a liberdade econômica, protegendo a propriedade privada.

Por isso, a noção de Governo a qual nos referimos diz respeito à ideia de governo político atual, o qual deve administrar o Estado, levando em conta e gerenciando os seus governados, que são sujeitos econômicos, a fim de realizar um bom governo, que significa, nesse modelo, entre outras coisas, um governo eficiente, capaz de proporcionar o máximo de bem estar a cada um dos sujeitos aos quais gerencia individualmente, mas também ao conjunto da população de uma forma geral.



SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO E SEU OBJETO

É da Análise de Discurso, doravante AD, que tomaremos o referencial teórico metodológico para analisar o *corpus* deste trabalho. A AD é uma disciplina que busca, por meio da análise dos sentidos (ou efeitos de sentido), constituir-se como uma das múltiplas formas de se trabalhar a linguagem. Ela não trata da língua ou da gramática, mas do discurso, visto como a *prática da linguagem* (ORLANDI, 2001). Orlandi (2001) afirma que a linguagem é concebida como mediadora entre o homem e a realidade natural e social e destaca que, para a AD, a língua não é trabalhada como na Linguística, enquanto um sistema de signos, fechada em si mesma, ou como na Gramática Normativa, enquanto normas do bem dizer, mas sim, em sua relação com o mundo, com as maneiras de significar, considerando, dessa forma, os processos e as condições de produção da linguagem e relacionando esta com a sua exterioridade.

A AD nasceu da necessidade de se trabalhar o discurso fora da perspectiva da língua, uma vez que o sentido não está nela, mas sim, nas relações discursivas, pois é historicamente constituído e marcado por uma ideologia, estando, portanto, na relação entre a língua e a historicidade (PÊCHEUX & FUCHS, 1975). Dessa forma, o conceito de discurso que serve de objeto para a AD, cunhado por Pêcheux, embora tenha por uma de suas bases a estrutura linguística, vai além desta, ao colocar a língua em relação com o seu exterior, isto é, em relação com a história e a ideologia. Assim, o discurso, para a AD, não é o resultado do uso da língua, tampouco é o resultado obtido a partir de análises através de regras ou princípios que servem às análises de textos orais e/ou escritos; o discurso é, na verdade, entendido como “um efeito de sentido, uma posição, uma ideologia”, que se materializa na língua (POSSENTI, 2009, p.16).

Dessa forma, é possível afirmar que a noção de *Discurso* cunhada por Pêcheux apresenta uma dicotomia, uma vez que o discurso é duplamente determinado: por um lado, pela ordem própria da língua; e por outro, pelo que lhe é exterior. Assim, o discurso é, ao mesmo tempo, uma *estrutura* e um *acontecimento*, que não pode ser definido apenas pela ordem própria da língua (PÊCHEUX, 2008).



É nesta perspectiva que analisamos os discursos materializados no *corpus* aqui proposto, postos em circulação pela mídia, considerando muito além das estruturas fixas da língua que os compõem, mas analisando, sobretudo, o que lhe é exterior, os não ditos, a fim de identificar quais os efeitos de sentidos que emergem dos mesmos.

MÍDIA, POLÍTICA E DISCURSO

Ao associar-se a política, a mídia também se politizou, passando, como afirma Piovezani Filho (2003), a buscar uma posição de agente político. Assim, a ela não basta mostrar os políticos, mas precisa, acima de tudo, revelar ao público a verdade sobre o que ocorre nos bastidores do espetáculo político. Desta forma, ela passa a vigiar o sujeito político, estabelecendo um *controle pelo olhar*.

Essa busca por uma vigilância social não se restringe à sociedade atual, pois, segundo Foucault (2010), a segunda metade do século XIX foi marcada pela busca da transparência e da visibilidade. Com a instauração dessa nova ordem política e moral, não havia mais lugar para espaços obscuros, pois era necessário uma total visibilidade das coisas, das pessoas e da verdade, uma vez que, no século das luzes, o poder principal servia a opinião, não podendo portanto, tolerar regiões de sombra. E, ainda de acordo com Foucault, “Esse reino da ‘opinião’ que se invoca, frequentemente, nessa época, é um modo de funcionamento em que o poder poderá exercer-se pelo único fato de que as coisas serão temidas e que as pessoas serão vistas por uma espécie de olhar imediato, coletivo e anônimo”. (FOUCAULT, 2010, p.108). Mas desde antes da Revolução, na segunda metade do século XVIII, esse medo da obscuridade já reinava, e os “reformadores” destes séculos deram:

[...] à opinião pública um poder considerável. Eles acreditavam que, só podendo a opinião pública ser boa, visto que era a consciência imediata do corpo social inteiro, as pessoas se tornariam virtuosas, devido ao fato de que eram olhadas. (...) Eles desconheciam as condições reais da opinião pública, da mídia, uma materialidade que é capturada nos mecanismos da economia e do poder sob as formas de imprensa, da edição (...). Acreditaram que a opinião pública seria justa por natureza,



que iria espalhar-se por si, e que seria uma espécie de vigilância democrática (FOUCAUL, 2010, p.122).

Assim, para Foucault (2010), quando Bentham projetou o *panóptico*#####, ele descreveu, na utopia de um sistema geral, mecanismos particulares que realmente existem na sociedade. Estes mecanismos de poder estão nas próprias práticas sociais, como por exemplo, as práticas médicas, as práticas psicológicas, as práticas educativas e, por que não, as práticas religiosas.

Nesta perspectiva, a noção de panóptico pode ser reconfigurada, já não sendo mais uma torre no meio das prisões, como no século XIX, mas sim, um olhar vigilante, que faz com que todos se vigiem mutuamente. Tal vigilância se torna uma forma de controle, pois, estando em constante observação por olhos invisíveis, sofre-se, diariamente, um exercício de controle de si e também dos outros.

A mídia pode ser considerada como uma forma de panóptico da modernidade, uma vez que, como vemos, possui um olhar vigilante sobre a sociedade e, no mundo político, busca o que está por trás dos bastidores, o que não deveria ser mostrado. Assim, conforme Piovezani Filho (2003, p.61-62), há um movimento da mídia em oferecer uma “suposta verdade latente”, mas este não é um “movimento em sentido único”, pois há, em contrapartida, uma “necessidade humana de saber do real”. Assim, “há um certo encontro entre a fome midiática de produzir 'verdades' e a vontade do espectador de comer 'verdades'” (PIOVEZANI FILHO, 2003, p.62).

Nesta perspectiva, é preciso considerarmos, ainda, que o discurso veiculado pela mídia atinge muitas pessoas e muitas vezes são fonte única de informação destas. Assim, embora não tenha o poder de criar discursos, a mídia pode optar por coloca-los ou não em circulação. Essa possibilidade de tomada de decisão por uma espetacularização ou silenciamento confere à mídia um micro poder, relacionado com o saber que ela detém,

O panóptico era um sistema de prisão do século XIX que tinha o seguinte princípio “na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta perfurada por grandes janelas que se abrem para a face interior do anel. A edificação periférica está dividida em células, cada uma atravessando toda a espessura da construção. (...) Basta então colocar um vigilante na torre central, e em cada célula onde se tranca um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar” (FOUCAULT, 2010, p.108).



pois essa tomada de decisão por espetacularizar ou silenciar pode contribuir para a cristalização ou não de determinadas imagens, isto é, fazer com que determinadas imagens se fixem ou não na memória de uma sociedade.

NOS BASTIDORES: DISCURSOS SOBRE CORRUPÇÃO E DESGOVERNO

Como panóptico moderno, cabe à mídia vigiar, e como veículo de informação, cabe-lhe divulgar o que sua vigilância lhe proporcionou. E como transmissora de discurso, cabe-lhe colocar em circulação discursos que já circulam em outros lugares. Assim, tudo que é veiculado na mídia, por ser discurso, está marcado por uma ideologia e fala de algum lugar. Por isso, ao compor o *corpus*, optamos por selecionar diferentes veículos de informação, socialmente ligados a diferentes posicionamentos ideológicos, a fim de verificar discursos que circulam em diferentes lugares.

Por questões metodológicas, vamos analisar apenas uma amostra dos enunciados verbais publicados nas versões online dos jornais “Folha de São Paulo” e “El País” e das revistas “Veja” e “Carta Capital”. Os enunciados serão apresentados divididos em blocos, de acordo com a temática abordada, e analisados com base no referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso de Linha Francesa, considerando as discussões sobre governo, governamentalidade, mídia e discurso já empreendidas aqui.

I - O Governo do PT e o escândalo de Corrupção na Petrobrás:

No primeiro bloco de excertos, observamos uma recorrência na aproximação entre o Partido dos Trabalhadores, doravante PT, do qual a presidente Dilma Rousseff faz parte, e o caso de corrupção na Petrobrás. Essa aproximação põe em circulação um discurso segundo o qual o PT é um partido corrupto e, conseqüentemente, aproxima a imagem do governo Dilma de escândalos de corrupção.

“PT recebeu até 200 milhões de dólares em propina, estima delator [:] [...] A nona fase da Operação Lava Jato, investigação levada a cabo pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal, coloca de vez o PT no centro do escândalo envolvendo a formação de um cartel de empresas que pagava propina para fechar contratos com a Petrobras” (Carta Capital, seção Política, 15/02/2015, grifos nossos).

“Doleiro diz que propina foi entregue na porta do PT [:] [...] O doleiro Alberto Youssef afirmou em depoimento à Justiça Federal do Paraná nesta terça-feira que providenciou o pagamento de 800.000 reais de propina para o PT. Segundo ele, metade do dinheiro foi entregue na porta do Diretório Nacional do partido, na rua Silveira Martins, na Sé, região central de São Paulo. A outra metade foi retirada no escritório de Youssef por Marice Corrêa de Lima, cunhada do tesoureiro nacional da sigla, João Vaccari Neto” (Veja, seção Brasil, 31/03/2015, grifos nossos).

“O tesoureiro discreto que expõe o PT no escândalo da Petrobras [:] [...] Tesoureiro do PT é acusado de receber até 200 milhões de dólares de propina pelo partido. João Vaccari Neto, tesoureiro nacional do PT, está em todas as apostas do “Petrolão” (El País, seção Brasil, 05/02/2015, grifos nossos).

“Propina era paga mensalmente a políticos da Lava Jato, acusa Janot [:] [...] Dinheiro vinha de três diretorias da Petrobras e abasteciam, principalmente, três partidos, o PMDB, o PT e o PP: De 2004 a 2011, na Diretoria de Abastecimento os políticos beneficiados foram os do Partido Progressista (PP), atualmente aliado do Governo de Dilma Rousseff no Congresso. A partir de 2011 foi outra a sigla que recebeu supostamente o dinheiro: o PMDB, também aliado do Governo. [...] A de Serviços beneficiava o Partido dos Trabalhadores (PT), a legenda de Dilma Rousseff. (El País, seção Brasil, 07/03/2015, grifos nossos).

II - Problemas na Economia

Os textos que compõem o segundo bloco convergem para a criação de um efeito de sentido segundo o qual o Brasil está enfrentando uma crise econômica por conta de uma incapacidade de gestão do atual governo brasileiro.

“O inferno econômico que o País enfrenta é opção feita pela mandatária já em seu primeiro mandato. Ao tomar posse, em 2011, Dilma e o PT tiveram como meta principal derrubar o crescimento econômico” (Carta Capital, seção Política, 04/03/2015, grifos nossos).

“No país das cigarras: o longo inverno [:] Inflação, rombo nas contas públicas, juros altos, arrocho, paralisia econômica: o Brasil paga caro pela imprevidência e o imediatismo de seus governantes” (Veja, seção Brasil, 04/04/2015, grifos nossos).

“Quando o Brasil se perdeu? [...] Em apenas seis anos, o gigante sul-americano passou de uma era próspera e dourada com crescimento econômico acima da média mundial à cruel realidade da crise no Governo” (El País, seção Brasil, 15/03/2015, grifos nossos).

“Emprego no Brasil registra pior desempenho para fevereiro em 16 anos” (El País, seção Brasil, 18/03/2015, grifos nossos).

“Muita inflação para pouco PIB [:] [...] Em 12 meses índice acumula alta de 8,13%, a maior desde dezembro de 2003. A inflação oficial continua cobrando os erros da política econômica do Governo Dilma e do ajuste fiscal, que começou no início do ano aumentando as tarifas do consumidor, segundo especialistas” (El País, seção Brasil, 08/04/2015, grifos nossos).

III – Crise com os aliados e isolamento político:

No terceiro bloco, são apresentados trechos de repostagens que materializam discursos segundo os quais o Governo Dilma está isolado e não sabe dialogar com seus

aliados, o que resultaria em perdas, por parte do referido governo, no Congresso e em dificuldades na concretização as ações que propõe.

“Em meio à crise política, Dilma se reúne com Lula [:][...] **Acuada diante do agravamento da crise que se seguiu na Petrobras às revelações da Operação Lava Jato**, e diante de uma **base governista desarticulada e a cada dia mais rebelde**, a presidente Dilma Rousse se reúne nesta quinta-feira, em São Paulo, com seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva. O objetivo do encontro é tentar acertar os ponteiros com seu principal conselheiro e **reverter a imagem de que está isolada** - e que suas decisões solitárias teriam resultado em inúmeras e repetidas derrotas no Congresso” (Carta Capital, seção Política, 12/02/2015, grifos nossos).

“O labirinto político de Dilma Rousseff [:] Falta de perfil negociador para lidar com o Congresso e restrições dentro do próprio PT complicam situação da presidente no momento em que ela enfrenta até pressão por impeachment. [...] **Dentro do próprio PT há restrições à afilhada do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva - e isso em meio ao escândalo da Petrobras, da crise econômica e da pressão pró-impeachment**, fruto de uma eleição que deixou o país polarizado” (Carta Capital, seção Política, 17/03/2015, grifos nossos).

“O campo minado de Dilma no Congresso [:] **Presidente começa a colher as consequências da crônica falta de diálogo com parlamentares aliados**, que ameaçam derrubar propostas vitais para o Planalto” (Veja, seção Brasil, 16/02/2015, grifos nossos).

“Trocias em ministérios **evidenciam Dilma isolada e perdida**”. (Veja, seção Brasil, 27/03/2015, grifos nossos).

“Mais isolada, presidenta vive seu pior momento com dois meses de segundo mandato [:] [...] A ilustração reflete razoavelmente bem a atual situação política da presidenta: **isolada, só, protegida em sua residência de Brasília e a cada dia com menos apoios com os quais contar**. Daí que a presidenta brasileira atravessa hoje seu pior momento [...]. **No Partido dos Trabalhadores (PT), ao qual ela pertence, ouvem-se vozes críticas diariamente**” (El País, seção Brasil, 16/03/2015, grifos nossos).

“Dilma tem menos influência que Lula na pauta no Congresso [:] Presidenta aprovou menos projetos que seu antecessor na Câmara e no Senado. **A presidenta Dilma Rousseff (PT) tem perdido cada vez mais a influência no Congresso Nacional. Não só os discursos e CPIs que afrontam sua administração provam isso, mas também as leis que ela conseguiu aprovar**” (El País, seção Brasil, 20/03/2015, grifos nossos).

“Milhares manifestam apoio a Dilma antes de atos pelo impeachment[:] Convocado por centrais sindicais e movimentos sociais, a manifestação, que se repetiu em 24 Estados e em Brasília, tinha como foco declarado defender a Petrobras, a reforma política, a democracia e **atacar duas medidas provisórias do governo petista que reduzem os direitos trabalhistas**. (El País, seção Brasil, 13/03/2015, grifos nossos).

IV- Reprovação Popular:

Por fim, o quarto bloco reúne textos que materializam discursos acerca da insatisfação popular com o Governo Dilma Rousseff, apontando para efeitos de sentido que relacionam tal insatisfação com problemas apresentados nos blocos I, II e III.

<p>“[...] se o impeachment dependesse somente do apoio popular, Dilma Rousseff perderia o cargo. Segundo pesquisa do instituto MDA, realizada a pedido da Confederação Nacional do Transporte (CNT), 59,7% dos entrevistados são a favor do afastamento da presidenta” (Carta Capital, seção Política, 23/03/2015, grifos nossos).</p>
<p>“Dilma enfrenta novos protestos neste domingo [12/04] [:] Como em 15 de março, a pauta principal é a derrubada do governo, mas há divergências quanto ao método: impeachment ou golpe militar” (Carta Capital, seção Política, 12/04/2015, grifos nossos).</p>
<p>“Pesquisa mostra que manifestantes vão as ruas contra corrupção [:] Entre 18 motivos mostrados aos entrevistados, o impeachment da presidente é apenas o 14º mais votado” (Veja, seção Brasil, 15/03/2015, grifos nossos).</p>
<p>Datafolha: 62% dos brasileiros reprovam o governo Dilma [:] Primeira pesquisa depois dos protestos de 15 de março aponta a mais alta rejeição a um governante desde Fernando Collor popularidade da presidente despencou para 13%” (Veja, seção Brasil, 18/03/2015, grifos nossos).</p>
<p>“Um Governo sob vaias [:] Presidenta Dilma vaiada na abertura de um evento em São Paulo. Em Brasília, coletiva do ministro cancelada depois do protesto contra ajuste fiscal. [...] Mal feita do pannelo surpresa do ultimo domingo a presidenta Dilma Rousseff encarou mais um teste de impopularidade na manhã desta terça-feira, em São Paulo, durante a abertura do Salão Internacional de Construção” (El País, seção Brasil, 10/03/2015, grifos nossos).</p>
<p>“Apenas três meses e meio depois do segundo turno, o país assiste à mais rápida e profunda deterioração política desde o governo Collor. [...] A conjuntura sombria resulta da confluência do escândalo da Petrobras com a acentuada piora das expectativas sobre a economia” (Folha de São Paulo, seção Poder, 07/02/2015, grifos nossos).</p>
<p>“Insatisfação também aumenta em redutos petistas tradicionais [:] Com exceção dos simpatizantes do PT e de seus e de seus próprios eleitores, todos os demais segmentos socioeconômicos, políticos ou demográficos reprovam majoritariamente o desempenho de Dilma Rousseff. Mesmo nos estratos mais beneficiados pelas políticas sociais do governo, a rejeição disparou” (Folha de São Paulo, seção Poder, 18/03/2015, grifos nossos).</p>

Os recortes de textos apresentados nesses quatro blocos materializam efeitos de sentido (discursos) segundo os quais o governo está enfraquecido politicamente, não é capaz de controlar a economia do país, está em crise com os seus próprios aliados, envolveu-se em casos de corrupção e gera insatisfação popular. Esses discursos apontam para um desgoverno, uma vez que o papel da presidência, segundo efeitos discursivos também construídos historicamente, deve ser presar pelo bom desenvolvimento do país e zelar pelo dinheiro público. A repetição dos mesmos efeitos de sentido, mesmo que reconfigurados, possibilita que tais discursos sejam inscritos na memória da sociedade, tendo em vista que, como observa Davallon (2007, p.25), "para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância.

Todos esses dizeres que apontam para o (des)Governo de Dilma Rousseff estão presentes também nos discursos que circulam entre os que tecem críticas à presidência.



Dessa forma, é possível afirmarmos que, em alguma medida, a espetacularização desses discursos sobre a incapacidade de governamentalidade da Presidente e sua cristalização fundamentam os discursos que pedem sua saída. Todavia, para mensurarmos a extensão dessa relação, faz-se necessário, ainda, um longo percurso de análise, o qual será percorrido durante a escrita da dissertação da qual esse artigo é apenas um recorte.

CONCLUSÕES

A partir da análise do *corpus*, verificamos que a repetição dos discursos acerca da incapacidade de gestão do Governo Dilma Rousseff possibilita a cristalização de uma imagem negativa do referido governo. Nessa perspectiva, tal governo não apresenta governamentalidade, tendo em vista que, segundo essa imagem posta em circulação, não possibilita segurança na política econômica, não assegura os direitos individuais e, à medida em que permite a emergência de uma crise econômica e de desvios de dinheiro público, não protege a propriedade privada e os interesses particulares.

A partir de agora, dando prosseguimento à escrita da nossa dissertação, empreenderemos análises acerca dos discursos que sustentam a noção atual de governamentalidade e de bom governo, relacionando-as com os discursos postos em circulação na mídia acerca do Governo Dilma Rousseff, a fim de verificar como se dá essa relação e em que medida a imagem do referido governo, materializada nesses discursos, servem como sustentáculo para a “onda antigoverno” que vem ganhando força em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre... [et al.]. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes – 2 ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- _____. **Segurança, Território e População.** Curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. **Nascimento da Biopolítica.** Curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- _____. O Sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma trajetória Filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-249.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise De Discurso. Princípios e Procedimentos.** 3ª ed. - Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso:** Estrutura ou Acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi – 5 ed. - Campinas, SP. Pontes Editores, 2008.
- PÊCHEUX & FUCHS. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Tradução: Bethania S. Mariani et al. 3. Ed – Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997.
- PIOVEZANI FILHO, Carlos Félix. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, Maria do Rosario (Org). **Discurso e Mídia:** a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.